2026
V.19

História da Historiografia

International Journal of Theory and History of Historiography

ISSN 1983-9928

FAPEMIG
Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia
UNIRIO
UFOP

Dossiê D

Imagens de si: história, literatura e memória

Dossiê | Imagens de Si

Imagens de si: história, literatura e memória

Images of the self: history, literature and memory

Amanda Bortoluzzi

amanzzip@gmail.com ou amandapires@ces.uc.pt

https://orcid.org/0000-0001-6648-419X

Doutoranda em História Contemporânea com financiamento da Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT) Universidade de Coimbra (UC), Faculdade de Letras (FLUC), Centro de Estudos Sociais (CES-UC), Coimbra, Portugal

Mariana Freitas de Andrade

mfreitasdeandrade@gmail.com

https://orcid.org/0009-0005-4617-2689

Doutoranda em História Social, bolsista CAPES; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS), Rio de Janeiro, Brasil

Mateus Henrique Siqueira Gonçalves

mateussiqueira85@gmail.com

https://orcid.org/0000-0002-4352-6737

Doutorando em História, bolsista CAPES; Universidade de Brasília (UnB), Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS), Brasília, Brasil

Resumo

Neste dossiê, reunimos pesquisas que propõem reflexões metodológicas sobre a constituição e o uso de fontes textuais autorreferenciais. A partir de entendimentos clássicos do campo das grafias de vida, o editorial questiona concepções universalizantes de si e privilegia a historicidade, a mediação e o caráter relacional dessas narrativas. Em seguida, são apresentados os quatro textos que compõem o dossiê, dedicados a diferentes temas dentro do campo, e que perpassam áreas como o ensino de história, a construção de uma persona acadêmica, o sujeito nos meandros da loucura narrado em história em quadrinhos e a análise de paratextos como indicativos de uma identidade autoral. Em conjunto, esses trabalhos examinam diferentes suportes textuais que operam em temporalidades e formas de construção de si distintas, ressaltando as potencialidades e os limites das utilizações dessas escritas como fontes legítimas para a pesquisa histórica e para a compreensão do passado.

Palavras-chave

Autobiografia; Narrativas; Campo Historiográfico.

Abstract

In this dossier, we bring together research proposing methodological reflections on the constitution and use of self-referential textual sources. Drawing on classic understandings from the field of life writing, we question universalizing conceptions of the self and prioritize the historicity, mediation, and relational nature of these narratives. Next, we present the four papers that make up this edition, each dedicated to different themes within the field, spanning areas such as the teaching of history, the construction of an academic persona, the individual within the intricacies of madness as depicted in graphic novels, and the analysis of paratexts as indicators of an authorial identity. Together, these works examine different textual formats operating across distinct temporalities and modes of self-construction, highlighting the potential and limits of using these writings as legitimate sources for historical research and for understanding the past.

Keywords

Autobiography; Narratives; Historiographical Field.

Contar ao mundo quem somos é um ato que persiste no tempo. Entre fragmentos e memórias, as histórias de vida ganham contornos variados, apresentando-se em formatos que continuam a se expandir. Um olhar para a teoria autobiográfica nas últimas décadas já revela que o campo, a cada conjunto de contribuições, se transforma em algo novo, consequentemente polissêmico e felizmente interdisciplinar. E com isso surgem as dúvidas e sugestões teórico-metodológicas de como podemos chamar esse tipo de escrita. Em *Reading Autobiography Now*, Sidonie Smith e Julia Watson abrem uma de suas reflexões com uma pergunta que vai em direção a esse mesmo foco: como podemos definir um termo que se apresenta de formas tão distintas ao longo do tempo e do espaço?

As possibilidades de resposta, como as autoras admitem, são mais complexas do que aparentam. Em 1956, Georges Gusdorf, em seu *Conditions et limites de l'autobiographie*, inicia seu texto anunciando que o gênero autobiográfico não pertence a todos os lugares, e muito menos a todos os recortes temporais possíveis. Para o autor, este ímpeto de olhar para o passado e torná-lo inteligível em um modelo narrativo específico é uma preocupação ocidental que permeia os últimos séculos. Por vezes, *As Confissões* (c. 400) de Santo Agostinho são um marco referencial deste tipo de narrativa, como Gusdorf sugere (1980, p. 29). Para outros autores, o surgimento da própria palavra "autobiografia" é o ponto – o qual na Europa, segundo Smith e Watson, aparece apenas no final do século XVIII (Smith; Watson, 2024, p. 4)[1].

O que parece ser um ponto de encontro entre os autores é que, ao empregar um termo específico para designar um texto autorreferencial, a obra pretende construir um significado bem delineado para aquela palavra. Chamar de "autobiografia", então, significaria coisas distintas a dependendo do autor ou da autora. Na interpretação de Susan Stanford Friedman, em *Women's Autobiographical Selves: Theory and Practice*, Gusdorf delimita um "conceito individualista do eu autobiográfico", o que, supostamente, é um reflexo do posicionamento do autor ao enquadrar a autobiografia como "a consequência literária do crescimento do individualismo como ideologia" (Friedman, 1998, p. 72-73). A existência de um "eu" em isolamento seria, assim, precursora de uma escrita que pretende ser 'autobiografia'.

Em 1975, o recorte temporal desse termo é revisitado por outro texto fundador do campo, o qual também pretende propor uma definição. Em *O Pacto Autobiográfico*, Philippe Lejeune resgata a década de 1770 como fundadora da autobiografia no formato que a compreendemos na contemporaneidade, e delimita geograficamente o termo ao dizer que "só diz respeito à literatura europeia" (Lejeune, 2014, p. 15-16). O autor não exclui a possibilidade de existência de uma "literatura pesso-

1 Segundo as autoras, o termo surge pela primeira vez em uma resenha do livro "Miscellanies" de Isaac D'Israelis, feita por William Taylor de Norwich e publicada em 1797. Citam também o trabalho de Robert Folkenflik, o qual situa as primeiras aparições do termo no final do século XVIII, entre as décadas de 1770, 1780 e 1790, na Inglaterra e na Alemanha (Smith; Watson, 2024, p. 4).

al" em outras regiões ou recortes temporais. Apenas pontua que o significado presente no imaginário ocidental para este tipo de texto se descontextualiza fora das fronteiras propostas.

Mais uma vez, 'autobiografia' é reafirmada como europeia e individualista quando Lejeune apresenta sua definição: "narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (2014, p. 16). Algo que também é reafirmado, em outros contornos, em uma obra anterior de James Olney, intitulada *Metaphors of Self: The Meaning of Autobiography* (1972), na qual o autor apresenta um "eu" de unidade teológica, formado na busca por si mesmo, e situado no isolamento do indivíduo. Qual seria, então, o problema?

De um lado, um ponto de inflexão possível seria a concentração na formação desse "eu" e nas noções de individualismo, centrais para a teoria psicanalítica e as recentes produções interdisciplinares em interface com a neurociência. Jacques Lacan e a teoria do espelho, ou a crítica construída em cima dessa proposta, seriam boas opções de exploração. Ou, ainda, a coletânea de textos de Paul John Eakin em *Writing Life Writing: Narrative, History, Autobiography* (2020), e a proposta que constrói sobre o argumento de Damasio, segundo a qual "eu não é um efeito da linguagem, mas sim um efeito da estrutura neurológica do cérebro" (Eakin, 2020, p. 7).

De outro, a permanência na definição do termo e do corpo documental que se pretende trabalhar ao ter em mãos uma narrativa autorreferencial parece mais urgente. A principal crítica ao que foi pontuado por Gusdorf, Olney e Lejeune se encontra nos estudos de gênero e na proposta de interseccionalidade. O pressuposto de um "eu" universal, formado no seu isolamento para produzir sua autobiografia, é um privilégio de cor e gênero, pois, segundo Friedman, "um homem branco tem o luxo de esquecer sua cor de pele e seu sexo. Ele pode pensar sobre si mesmo como um "indivíduo"" (1998, p. 75). Segundo a autora, a coletividade é essencial para a formação identitária dos grupos subalternizados, fora do escopo de privilégio que definiu o termo anteriormente.

Nesse sentido, a escrita desses grupos seria motivada pelo sentimento de alienação em relação à imagem do "eu" disseminada pela literatura. Como Michel Foucault afirma em *O que é um autor?*, "a escrita transforma a coisa vista ou ouvida "em forças e em sangue" (*in vires, in sanguinem*). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional". Assim, "escrever é, pois 'mostrar-se', dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro" (Foucault, 1992, p. 143). E o que os grupos fora do escopo de privilégio mostram seria diferente de uma noção teológica do "eu".

Assim, podemos voltar à pergunta que abre o primeiro capítulo de Smith e Watson: "o que poderia ser mais simples de compreender do que o ato de representar o que as pessoas conhecem melhor, suas próprias vidas?" (2024, p. 3). A resposta é um tanto quanto complexa, quase como uma espécie de falso cognato que, no lugar da comparação de um vocábulo entre duas línguas, coloca nossa percepção do termo contra a real densidade do corpo teórico. Para as autoras, quando uma pessoa escreve, ela é tanto o sujeito que observa quanto o objeto em si da investigação, lembrança, contemplação.

Na tentativa de ser mais fiel ao quão complexo o assunto é, talvez fosse melhor chamar a autobiografia de narrativa autorreferenciada, como sugerem Smith e Watson. Especialmente quando somos confrontados com a data de surgimento do próprio vocábulo empregado no sentido que temos hoje, e na complexidade da discussão que foi marginalmente mencionada até aqui. Se formos alargar o escopo temporal, a antiguidade já apresentava essas narrativas escritas e orais, quer seja no contexto cultural "ocidental", quer em outras regionalidades de influência, como Japão, China, Índia, nações indígenas americanas, África, Islâmicos-Árabes, etc.

Enquanto fonte historiográfica, essa tipologia documental é passível de ser analisada por diferentes metodologias, abrangendo pesquisas quantitativas (prosopografia, por exemplo) e qualitativas, além de servir como um veículo para pensar abordagens atuais em estudos de gênero e sexualidade, grupos étnico-raciais, interseccionalidade, subalternidades, diferentes classes sociais, etc., conforme os sujeitos que as produzem. Possibilita, ainda, o retorno e o reenquadramento de diálogos caros à historiografia, do ponto de vista teórico-metodológico, como a relação entre história e literatura; verdade e ficção; subjetividade e objetividade; coletividade e individualidade; memória; testemunho; ego-história; entre outros.

Assim, essa proposta de dossiê não teve, como centro, a tentativa de formulação de uma definição própria. Afinal, o debate apenas se expande com as contribuições dos vários pesquisadores que se concentram nessa tipologia documental. O objetivo, desde o início, foi construir uma possibilidade de debate, de provocação. E com os autores aqui presentes, a sensação é de, mais uma vez, persistência: da polifonia, dos diferentes significados possíveis, da interdisciplinaridade, do crescimento da historiografia enquanto campo.

Isso pode ser observado, por exemplo, em como Adson Pinheiro e Fernando Nicolazzi constroem reflexões textuais interessantíssimas no que concerne às formulações e usos das escritas de si. Ambos os acadêmicos recusam a premissa de que as narrativas do "eu" possam recuperar um passado histórico pronto e homogêneo, assim como a exposição da identidade de um sujeito previamente constituído e imutável. Pelo contrário, assumem as dinâmicas, os tensionamentos e as contradições dessas grafias de vida.

Em *Memória e ensino de História: A autobiografia como instrumento de reflexão historiográfica em Uma Mulher, de Annie Ernaux*, Pinheiro compreende que a autobiografia é uma ferramenta didática de aprendizado útil para o ensino de História na educação básica. Em sua análise, a obra *Uma Mulher*, da autora francesa Annie Ernaux, revela possibilidades de identificação, interpretação, ressignificação e problematização que os alunos podem fazer a partir dos contextos da própria realidade. Ao entenderem que o documento autobiográfico é fruto de uma operação literária entre vivência individual e experiência coletiva, os estudantes podem relacionar as condições sociais, econômicas e culturais, bem como as discussões de classe contemporâneas com as questões levantadas por Ernaux em relação à sua mãe na França entre o pós-Segunda Guerra Mundial e os anos 1980.

Nesse sentido, o exercício do raciocínio autobiográfico é retrospectivo. Quando Ernaux escreve sobre a mãe, também escreve sobre si mesma, alocando-se em tempo e lugar históricos específicos, mediando o vivido com o seu presente, relacionando-o às memórias do passado, produzindo sentidos novos. Daí o caráter dessa "autosociobiografia", em que os dilemas principais recaem na compreensão das temporalidades, descontinuidades e mediações que a autora e os seus leitores precisam fazer para entender a constituição documental do texto e a sua função social. Pinheiro afirma que a autobiografia não fornece acesso transparente a uma interioridade e que as dicotomias clássicas do campo historiográfico como verdade/ficção, indivíduo/sociedade e memória/história precisam ser questionadas.

Nicolazzi, por sua vez, em seu ensaio intitulado *O memorial acadêmico e seus tempos: a obra, a narrativa, a persona*, recorre à antiga obsessão historiográfica sobre as temáticas das grafias de si para elaborar um texto autorreflexivo sobre um produto burocrático especificamente produzido dentro da universidade pública brasileira: o memorial acadêmico para fins de promoção de carreira, em que o professor universitário se torna o professor titular. Para o historiador, sua experiência durante a elaboração do memorial acadêmico desencadeou uma série de questionamentos relativos à persona acadêmica que o professor constrói e consolida em um texto narrativamente coerente entre o seu currículo e a sua vida cotidiana. Ao mobilizar contribuições de pesquisas da História e suas áreas correlatas, Nicolazzi busca conformar ilusões autobiográficas, como as da identidade e da coerência, ao mesmo tempo em que se preocupa em aparar arestas entre subjetividade e objetividade.

Ainda que o memorial acadêmico pertença ao espaço biográfico, Nicolazzi alerta para as condições em que o texto autorreferencial é confeccionado. A persona acadêmica não performa o que bem quiser, sob uma liberdade irrestrita, mas constrói-se sob a demanda acadêmica das regras institucionais para a sua promoção. Isto é, há uma série de requisitos que ditam como o "eu" do professor pode ser narrativamente explorado, percebido e interpretado por sua universidade. Um dos aspectos mais interessantes do ensaio de Nicolazzi é notar como o professor-historiador consegue articular a sua criatividade subjetiva com a regulamentação burocrática das instituições de ensino superior. Por fim, podemos apreender enquanto acadêmicos, como as escolhas de narração, os posicionamentos no texto e as maneiras como se expõem as evidências de um fazer docente e de pesquisa do currículo acadêmico fornecem inteligibilidade a uma trajetória de vida, ao ofício do professor-historiador.

Se nesses primeiros textos as escritas de si são interrogadas a partir de seus usos, os que seguem deslocam a atenção para os suportes e as materialidades em que o "eu" se constrói narrativamente. Os autores, mobilizando objetos que desafiam as fontes "tradicionais" à pesquisa autobiográfica, apontam para a ideia de que o sujeito está em constante trabalho de fabricar-se diante de seus leitores, seja negociando um saber médico que os classifica, seja disputando um lugar na memória da nação.

Em *Escrita de Si e Subjetivação em Quadrinhos: a história da loucura de Ellen Forney (Estados Unidos, 1998-2012)*, a autobiografia *Parafusos: mania, depressão, Michelângelo e Eu*

é mobilizada como fonte para uma história da loucura que se recusa a ser conduzida exclusivamente pelo saber psiquiátrico. Amparado no instrumental foucaultiano, o trabalho examina como a cartunista, diagnosticada com transtorno bipolar em fins da década de 1990, período apontado como o momento de consolidação hegemônica da psiquiatria biológica nos Estados Unidos, negocia com as imposições do poder/saber psiquiátrico e constrói, por meio da arte, uma ética própria e formas singulares de cuidado de si.

O trabalho tem o mérito de deslocar a análise do estigma para a subjetivação: a narrativa de Forney não é lida como testemunho passivo de uma medicalização, mas como espaço de reinvenção, no qual a apropriação do rótulo de "artista louca" opera simultaneamente como submissão e como resistência, tornando possível "ser outro do que se é, escapando às forças biopolíticas de produção do indivíduo", como aponta Luzia Rago, mobilizada no próprio artigo. Ao tomar uma história em quadrinhos como fonte, o texto objetiva evidenciar um "eu" que está sendo construído na narrativa, e essa construção, longe de invalidar a fonte, é precisamente o que a torna historicamente significativa.

Já o artigo *"Sirva de Prólogo": construção identitária nas apresentações das obras poéticas de Gonçalves Dias* desloca a investigação para o século XIX e para um objeto despretensioso em sua forma, mas que demonstrou ser profundamente rico em sua análise: os textos preliminares, mais precisamente os que acompanham as obras de Gonçalves Dias, em especial *Primeiros Cantos*, *Segundos Cantos*, *Últimos Cantos* e a coletânea *Cantos*. Prólogos, advertências, dedicatórias, todo esse conjunto de "coisa que não se lê", como acusa Silvio Romero, foi investigado e tratado como lugar estratégico de construção da identidade autoral e da memória do poeta. Confrontando esses materiais com a correspondência pessoal de Gonçalves Dias, o artigo revela tensões entre uma imagem pública cuidadosamente elaborada, a de um poeta modesto, independente das convenções e indiferente à recepção, e as ambições confessadas em cartas ao amigo Alexandre Teófilo, entre elas a de tornar-se "o maior poeta do Brasil".

Especial atenção é dedicada à edição dos *Cantos* de 1857, na qual o poeta, ao reunir e reorganizar sua obra, suprime notas, altera dedicatórias e abre o volume com a célebre crítica de Alexandre Herculano, operação que pode ser lida como uma estratégia deliberada de consagração e fixação de memória. O artigo ilumina, assim, uma dimensão frequentemente negligenciada das escritas de si: a de que elas não habitam apenas os gêneros confessionais, mas também o âmago editorial em que o autor negocia, diante de seu público e de sua posteridade, a imagem pela qual deseja ser lembrado.

Lidos em conjunto, os quatro artigos deste dossiê compõem um percurso notável pela amplitude de objetos, temporalidades e problemas que o campo das escritas de si é hoje capaz de abrigar: a autosociobiografia de Annie Ernaux mobilizada como ferramenta para o ensino de História; o memorial acadêmico como espaço de tensão entre subjetividade e regulação institucional;

a autobiografia em quadrinhos como fonte para uma história da loucura, e os paratextos oitocentistas como laboratório de fabricação de uma identidade autoral e de uma memória literária. Sob a diversidade dos suportes e dos séculos que separam Gonçalves Dias de Ellen Forney, os trabalhos convergem em uma mesma premissa – que constitui talvez a contribuição central deste dossiê –, a de que as narrativas do "eu" não documentam vidas prontas, mas registram os processos, sempre situados, tensionados e mediados, pelos quais os sujeitos se constituem diante do outro.

É precisamente essa condição construída que, longe de invalidar as escritas de si como fontes, as torna documentos privilegiados para uma historiografia interessada nos modos como indivíduos e sociedades produzem sentido para a experiência vivida. Esperamos que o leitor encontre nestes quatro manuscritos um convite para pensar os usos, os limites e as potências da escrita autorreferencial como problema historiográfico persistente.

Referências

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, pg. 129-160.

FRIEDMAN, Susan Stanford. Women's Autobiographical Selves: Theory and Practice. *In*: SMITH, Sidonie; WATSON, Julia (Eds.). **Women, Autobiography, Theory:** A Reader. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998, p. 72-79.

GUSDORF, Georges. Conditions and Limits of Autobiography. *In*: OLNEY, James (Ed.). **Autobiography:** Essays Theoretical and Critical. Princeton: Princeton University Press, 1980, p. 28-48.

OLNEY, James. **Metaphors of Self:** The Meaning of Autobiography. Princeton: Princeton University Press, 1972.

SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. **Reading Autobiography Now:** An Updated Guide for Interpreting Life Narratives. Third Edition. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2024.

Informações adicionais

Biografia profissional

Amanda Bortoluzzi: Doutoranda em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra, com acolhimento do Centro de Estudos Sociais (CES), trabalha com História Russa do Século XIX, especialmente com Vera Figner, o "populismo"/"niilismo" russo, e autobiografia como fonte historiográfica. É mestre em História Social e graduada em História pela Universidade de Brasília, onde trabalhou com literatura e imprensa oitocentista, "niilismo" russo e representações de guerra em manifestações culturais. Entre suas atividades mais relevantes, estão a apresentação e publicação de trabalhos em história contemporânea russa, os usos possíveis das escritas autobiográficas como fonte e a experiência revolucionária feminina, e a co-organização de simpósios temáticos.

Mariana Andrade: Doutoranda e mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Graduada em História pela mesma instituição. Pós-graduada em História e Cultura no Brasil Contemporâneo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Seus estudos se voltam para as áreas de Teoria da História e Historiografia, Patrimônios Culturais, Sacralização de Sujeitos e História do Brasil República. Entre suas atividades de maior destaque, incluem-se a atuação como membro do corpo editorial da Revista Ars Historica e a participação no grupo de pesquisa "Conservação Preventiva de Edifícios e Sítios Históricos" da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

Mateus Gonçalves: Doutorando e mestre em História pela Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB). Graduado em História pela mesma instituição. Atua na área de História Social, com ênfase em história da homossexualidade masculina na Europa contemporânea. Integra o Grupo de Pesquisa do CNPq "1914: Núcleo de Estudos sobre Primeira Guerra Mundial". No doutorado, pesquisa a experiência homossexual masculina entre o declínio da República de Weimar e a ascensão nazista ao poder, a partir das obras de Christopher Isherwood, *Goodbye to Berlin* (1939) e *Christopher and His Kind* (1976). Possui experiência docente na SEEDF e na organização de eventos acadêmicos.

Endereço para correspondência

Amanda Bortoluzzi - Centro de Estudos Sociais, Colégio de S. Jerónimo, Largo D. Dinis Apartado 3087, 3000-995, Coimbra, Portugal.

Financiamento

Amanda Bortoluzzi: Bolsista de investigação a nível de doutorado pela Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT), Lisboa, Portugal.
Mariana Andrade: Bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
Mateus Siqueira: Bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Contribuição de autoria

Conceituação: BORTOLUZZI, Amanda; ANDRADE, Mariana; GONÇALVES, Mateus.
Curadoria de dados: BORTOLUZZI, Amanda.
Escrita – Primeira Redação: BORTOLUZZI, Amanda; ANDRADE, Mariana; GONÇALVES, Mateus.
Escrita – Revisão e Edição: BORTOLUZZI, Amanda; ANDRADE, Mariana; GONÇALVES, Mateus.
Investigação: BORTOLUZZI, Amanda.
Validação: ANDRADE, Mariana; GONÇALVES, Mateus.

Conflito de interesse

Nenhum conflito de interesse foi declarado.

Aprovação no comitê de ética

Não se aplica.

Contexto de pesquisa

A proposta de dossiê.

Preprint:

O artigo não é um preprint.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Não se aplica.

Editores responsáveis

Rebeca Gontijo – Editora-chefe

Direitos autorais

Copyright © 2026 Amanda Bortoluzzi; Mariana Freitas de Andrade; Mateus Henrique Siqueira Gonçalves

Histórico de avaliação

Data de submissão: 23/08/2026
Data de aprovação: 04/09/2026

Licença

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.